



A PRAÇA DA MATRIZ NAS PERCEPÇÕES DE JOVENS E IDOSOS: EXPERIÊNCIAS, USOS E SIGNIFICADOS

Augusto Rodrigo Bezerra da Silva¹ - Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5979-1458>

Gleice Azambuja Elali² - Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5270-4868>

¹ Universidade Federal de Pernambuco, Recife – PE, Brasil *

² Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal – RN, Brasil **

Artigo recebido em 11/04/2024 e aceito em 30/07/2024

RESUMO

Os lugares transcendem sua materialidade, sendo permeados pela subjetividade e experiências (individuais e coletivas) daqueles que os vivenciam. Como as relações pessoa-ambiente se transformam ao longo da vida, diferentes grupos etários atribuem significados variados aos espaços, sendo essencial que as políticas públicas considerem tais mudanças. Este estudo investigou diferentes formas de uso e apropriação de uma praça por jovens e idosos, por meio de suas percepções e experiências do/no local. O recorte espacial foi a Praça D. Luís de Brito em Vitória de Santo Antão-PE (Praça da Matriz - PçMatriz), e a coleta de dados adotou abordagem qualitativa, realizando observação da área e entrevistas com 16 jovens e 11 idosos. Os resultados mostraram que cada grupo constrói suas próprias representações da PçMatriz: para os idosos ela é símbolo de nostalgia, contemplação, memórias e/ou encontros com amigos daquela faixa etária; os jovens a vinculam a socialização, atividades físicas e consumo. Embora algumas destas atividades sejam semelhantes, tais grupos mantêm pouca interação direta entre si, com distintas preferências quanto a setores e horários ocupados. Em linhas gerais constata-se que a PçMatriz é um espaço público caracterizado por sua flexibilidade e adaptabilidade para acomodar múltiplos usos, os quais são definidos de acordo com a idade e os interesses dos frequentadores e associados a mudanças no ambiente físico e social em função de horários/situações, conduzindo a múltiplos significados da área. O trabalho corrobora outros estudos relativos à forte influência da percepção da configuração física e das características sociais do espaço no comportamento das pessoas.

Palavras-chave: usos e apropriações; experiências; percepção ambiental; grupos etários; Vitória de Santo Antão-PE.

PRAÇA DA MATRIZ IN THE PERCEPTIONS OF YOUNG AND ELDERLY: EXPERIENCES, USES AND MEANINGS

ABSTRACT

Places transcend their materiality, being permeated by the subjectivity and experiences (individual and collective) of those who live in them. As person-environment relationships change throughout life, different age groups attribute different meanings to spaces, making it essential that public policies consider such changes. This study investigated different ways of using and appropriating a square by young and old people, through their perceptions and

* Doutorando no Programa de Pós-graduação em Geografia da UFPE. E-mail: augusto.rodrico@ufpe.br

** Professora do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFRN. E-mail: azambuja.elali@ufrn.br

experiences of/in the place. The spatial area was Praça D. Luís de Brito in Vitória de Santo Antão-PE (Praça da Matriz - PçMatriz), and data collection adopted a qualitative approach, carrying out observation of the area and interviews with 16 young people and 11 elderly people. The results showed that each group constructs its own representations of the PçMatriz: for the elderly it is a symbol of nostalgia, contemplation, memories and/or meetings with friends of that age group; young people link it to socialization, physical activities and consumption. Although some of these activities are similar, these groups maintain little direct interaction with each other, with different preferences regarding sectors and hours occupied. In general terms, it can be seen that PçMatriz is a public space characterized by its flexibility and adaptability to accommodate multiple uses, which are defined according to the age and interests of the visitors and associated with changes in the physical and social environment due to schedules/situations, leading to multiple meanings of the area. The work corroborates other studies relating to the strong influence of the perception of the physical configuration and social characteristics of the space on people's behavior.

Keywords: uses and appropriations; experiences; environmental perception; age groups; Vitória de Santo Antão-PE.

PRAÇA DA MATRIZ EN LAS PERCEPCIONES DE JÓVENES Y ANCIANOS: EXPERIENCIAS, USOS Y SIGNIFICADOS

RESUMEN

Los lugares trascienden su materialidad, siendo permeados por la subjetividad y las experiencias (individuales y colectivas) de quienes los habitan. A medida que las relaciones persona-ambiente cambian a lo largo de la vida, diferentes grupos de edad atribuyen diferentes significados a los espacios, por lo que es esencial que las políticas públicas consideren tales cambios. Este estudio investigó diferentes formas de uso y apropiación de una plaza por parte de jóvenes y ancianos, a través de sus percepciones y experiencias de/en el lugar. El área espacial fue la Praça D. Luís de Brito en Vitória de Santo Antão-PE (Praça da Matriz - PçMatriz), y la recolección de datos adoptó un enfoque cualitativo, realizando observación del área y entrevistas a 16 jóvenes y 11 ancianos. Los resultados mostraron que cada grupo construye sus propias representaciones de la PçMatriz: para los ancianos es un símbolo de nostalgia, contemplación, recuerdos y/o encuentros con amigos de esa edad; los jóvenes lo vinculan con la socialización, la actividad física y el consumo. Aunque algunas de estas actividades son similares, estos grupos mantienen poca interacción directa entre sí, con diferentes preferencias en cuanto a sectores y horas ocupadas. En términos generales, se puede observar que PçMatriz es un espacio público caracterizado por su flexibilidad y adaptabilidad para albergar múltiples usos, los cuales se definen según la edad e intereses de los visitantes y asociados a cambios en el entorno físico y social debido a horarios/situaciones, lo que lleva a múltiples significados del área. El trabajo corrobora otros estudios relacionados con la fuerte influencia de la percepción de la configuración física y las características sociales del espacio en el comportamiento de las personas.

Palabras clave: usos y apropiaciones; experiencias; percepción ambiental; grupos de edad; Vitória de Santo Antão-PE.

INTRODUÇÃO

Os lugares são construídos socialmente e permeados por fatores culturais e históricos, sendo impregnados por significados subjetivos que refletem as experiências individuais e coletivas das pessoas que os habitam. Em sua vivência com o ambiente, os diferentes grupos sociais atribuem a ele variados significados, o que explica a importância de se entender como tais significados são construídos e como eles influenciam o modo como as pessoas ali interagem. A relação das pessoas com o espaço supera a

racionalidade porque, como aponta Serpa (2019), somos seres emocionais e damos significados aos espaços em que vivemos.

As conexões sensíveis com os ambientes são dinâmicas e se transformam ao longo da vida, sendo relevante reconhecer os diferentes grupos etários que mantêm interações com os lugares, entendendo-se que as variações de idade podem levar a diferentes maneiras de perceber, utilizar e interagir com o ambiente (Bondi, 2005; Higuchi, Albuquerque, 2022). Portanto, é fundamental compreender como diferentes grupos etários experienciam os espaços, a fim de promover uma cidade inclusiva, que atenda às necessidades e demandas de toda a sua população.

No âmbito urbano, as praças atuam como espaços onde indivíduos de diversas faixas etárias se reúnem, interagem e partilham vivências. Esses locais não servem apenas como pontos de encontro, mas também promovem a integração social. As praças carregam consigo valores culturais e sociais, mesmo diante de divergências de opiniões, e moldam comportamentos esperados, como cordialidade, polidez e civilidade, conforme expresso em Ecker (2020, p. 103): “as praças padronizam gestos, posturas e atitudes, que estimulam uma série de ações coletivas e permitem estabelecer relações de vizinhança, definindo comportamentos de proximidade ou distanciamento”.

Diante desse contexto, emergiu o interesse por explorar as múltiplas significações atribuídas à Praça da Matriz em Vitória de Santo Antão-PE, e como esses significados variam entre diferentes grupos etários. A pesquisa investigou as diferentes formas de uso e apropriação da Praça D. Luís de Brito (Matriz) por jovens e idosos, tendo explorado suas percepções e experiências. As principais questões que nortearam o estudo foram: Como os jovens e os idosos percebem e vivenciam a Praça da Matriz? Quais são os significados atribuídos a esse espaço por estes grupos etários e como esses significados se manifestam em suas práticas cotidianas?

Ampliando a compreensão sobre as dinâmicas socioespaciais locais e suas implicações mais amplas, entende-se que as perspectivas e necessidades dos diversos segmentos da sociedade, torna possível planejar e gerir os espaços públicos de forma eficaz. Apesar desta evidência, observa-se que existe uma lacuna na produção de conhecimento sobre os contrastes e aproximações desses grupos etários, especialmente no que diz respeito às relações que tecem nos espaços públicos. Este déficit é ainda mais pronunciado nas cidades de menor porte, que não costumam ser alvo de pesquisas, sobretudo no Brasil. Adicionalmente, os temas subjetivos ligados às experiências e significados foram por muito tempo marginalizados pela ciência, evidenciando a necessidade de avançarmos nessa perspectiva. Este artigo é fruto da dissertação de mestrado “Usos e significados: um estudo das experiências de jovens e idosos na

praça da Matriz em Vitória de Santo Antão-PE” (Silva, 2023), defendida no PPGAU/UFRN, elaborada pelo primeiro autor, que é um jovem vitorienense, sob orientação da segunda autora.

Apresentando resumidamente o trabalho realizado, após esta introdução, serão delimitadas-as perspectivas teóricas que fundamentam o estudo, seguidas pela descrição do método empregado na coleta e análise dos dados. Seguem-se os resultados, apresentados e discutidos ao longo de três seções (espaços em contraste, benefícios psicossociais da praça e segregação socioespacial), culminando nas considerações finais que sintetizam as principais contribuições da pesquisa.

EXPERIÊNCIAS, PERCEPÇÃO E ESPAÇO PÚBLICO: PERSPECTIVAS TEÓRICAS

Os espaços públicos transcendem sua materialidade para se configurar como palcos de experiências, memórias e significados que se transformam ao longo da vida, se mostrando lugares carregados de simbolismo e que são construídos socialmente em decorrência das experiências e interpretações dos indivíduos (Viegas, Silva, Elali, 2014).

A variedade de paisagens, estilos e atividades presentes na cidade não apenas molda seu ambiente físico, mas também exerce influência sobre as compreensões de mundo e experiências que ela abriga. Ao interagir com os habitantes, essa variedade evoca uma ampla gama de emoções, incluindo medo, desconforto, conflitos, angústia, alegria, bem-estar e felicidade (Silva, 2018). A percepção que as pessoas têm dos espaços são influenciadas pelas experiências (positivas ou negativas) vividas no local, sendo assim, as interações sociais, eventos marcantes e rotinas diárias são imprescindíveis para a constituição das percepções.

A teoria da percepção ambiental se baseia na ideia de que os lugares não são apenas espaços físicos, mas também espaços simbólicos que são construídos socialmente através das vivências e interpretações dos indivíduos. Um de seus precursores, o geógrafo Yi-Fu Tuan (2013/1977) apresenta a percepção ambiental como uma importante lente através da qual as pessoas entendem e interagem com o mundo ao seu redor, construindo uma imagem mental do ambiente, a partir da qual acessam esse conhecimento, o reinterpretem e se relacionam com ele. O autor dedicou parte de sua obra ao vínculo emocional que as pessoas desenvolvem com lugares específicos (que denominou topofilia) e argumentou que as pessoas os percebem e interpretam com base em suas experiências e valores pessoais. O autor define Experiência como “um termo que abrange diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade” (Tuan, 2013/1977, p. 9), abrangendo aspectos visuais auditivos e olfativos, que são associados às emoções, as quais potencializam e dão sentido às experiências.

Seguindo essa linha de pensamento, Marandola (2020) destaca que as experiências das pessoas com as cidades e nas cidades é resultante do seu conhecimento sobre elas, somado ao modo como as percebemos e atribuímos significados a elas. Por sua vez, Bondía (2002, p. 21) argumenta que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (2002, p. 21). Ou seja, a essência da experiência está não no que ocorre à nossa volta, mas no que efetivamente nos afeta, nos marca e nos toca. Diariamente, somos bombardeados por uma infinidade de eventos, estímulos ambientais e informações, transitamos por diversos lugares e vivenciamos uma série de situações, mas pouco nos toca e nos atravessa, apenas algumas conseguem no impactar. Ainda nesse campo, Velloso (2016) aponta que para nos apropriarmos de um ambiente, é preciso vive-lo e não o ver como algo alheio a sua existência, de modo que, a experiência de apropriação é delimitada pela experiência espacial. Pol (1996) argumenta que a apropriação, no cotidiano, é um contraponto à alienação, visto que para ela se tornar efetiva as pessoas precisam ter consciência de que suas ações causam impactos.

Neste contexto se destacam as praças, que, para além de serem espaços físicos diferenciados no meio urbano, são frequentadas por uma variedade de pessoas, cada uma com suas próprias particularidades e necessidades. Originalmente destinada a fins culturais, políticos e comerciais, bem como as interações sociais a eles associados, ao longo do tempo, as praças passaram a também acomodar atividades sociais, recreativas e esportivas (Ecker, 2020). Como resultado, seu desenho passou a incorporar qualidades arquitetônicas e paisagísticas relativas às demandas provenientes do uso.

Assim, é importante reconhecer que grupos etários distintos podem estabelecer relações particulares com os lugares. As interações sensíveis com os ambientes são processos dinâmicos que evoluem ao longo das fases da vida, logo, mudanças na idade influenciam as maneiras de perceber o mundo, utilizar o ambiente e interagir com ele (Bondi, 2005; Higuchi, Albuquerque, 2022). Sob essa perspectiva, a literatura aponta diferenças entre as vivências de idosos e jovens nos espaços públicos, notadamente em praças.

Na vivência dos idosos, passado e presente se entrelaçam e se contrastam, uma vez que eles percebem e interpretam o mundo tendo como referência as ações que testemunharam e que continuam testemunhando ao seu redor. Assim, quando o idoso estabelece conexão com a praça e se apropria dela, é preenchida uma lacuna emocional entre o indivíduo e a cidade, muitas vezes presente na velhice (Pedroso; Souza; Fernandes, 2019). No entanto, como observa Bosi (1987, p. 17), “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”.

Por sua vez, os jovens são sujeitos sociais que constroem sua própria condição juvenil conforme os espaços, tempos e contextos em que estão inseridos, por isso sua interação com o ambiente é importante

(Paula; Pires, 2014). As autoras afirmam que a juventude é um ciclo da vida inserido na dimensão histórico-geracional e que a forma como essa condição é experimentada varia de acordo com as diferentes disparidades sociais – econômicas, étnicas, de gênero e de disponibilidade de tempo.

MÉTODO

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa (Lakatos, 2008), seguindo uma perspectiva fenomenológica e tem o estudo de caso como estratégia. Optou-se pela entrevista semiestruturada para explorar as experiências, ideias e opiniões dos participantes, tendo sido entrevistados 27 residentes de Vitória-PE, dos quais 16 jovens (18-26 anos) e 11 idosos (60-89 anos). As entrevistas foram conduzidas *in loco*, tiveram duração média entre 10 e 15 minutos e foram gravadas em áudio para posterior transcrição. A seleção dos participantes ocorreu de forma imediata e baseando-se em critérios de perfil e interesse demonstrados; mesmo reconhecendo a existência de jovens e idosos que não frequentam a praça, a pesquisa optou por focalizar seus frequentadores regulares.

O roteiro da entrevista foi elaborado para guiar a conversa, mas permitindo flexibilidade na inclusão de novas questões, bem como a comparação e categorização das respostas. As perguntas foram formuladas durante a entrevista, de acordo com sua evolução, seguindo o roteiro que contava com os tópicos: caracterização do respondente; primeira abordagem ao tema; motivação, atividades e frequência; atrações, dinâmica e vínculos; sentimentos, significados e importância. As informações coletadas foram analisadas por meio da análise de conteúdo com base categorial, inspirada em Bardin (2009/1977), o que possibilitou uma análise qualitativa dos dados, com destaque para suas evidências e consistências.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFRN (CAAE N. 60596522.4.0000.5292). Para preservar a identidade dos participantes, o artigo os identifica por meio de nomes fictícios.

ESPAÇOS EM CONTRASTE: USOS DA PRAÇA

A Praça D. Luís de Brito está localizada na área histórica de Vitória de Santo Antão, que teve origem naquela área. Ela é ampla e era dividida por uma via, como mostrado na fotografia histórica (Figura 1). No processo de reforma da praça, a via deu lugar aos quiosques que servem para interligar o conjunto. Para observar o espaço ele foi dividido em dois ‘lados’ (Figura 2) em função desta ocupação, e que também apontam para diferentes formas de apropriações e usos do espaço, contribuindo para a formação de

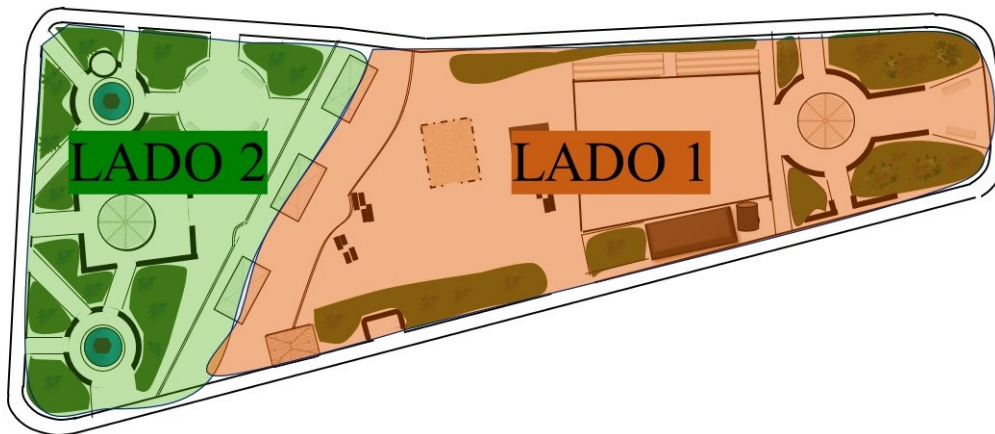
diferentes identidades. Os dois lados apresentam tamanhos e equipamentos diferentes, refletindo suas funções e usos.

Figura 1 – No meio da praça tinha uma rua



Fonte: Blog Nossa Vitória de Santo Antônio.

Figura 2 – Os dois lados de uma praça



Fonte: Elaborado pelo autor.

No “Lado 1” da praça, situado em frente à principal igreja católica da cidade, a “Matriz de Santo Antônio”, mantém uma forte conexão com a comunidade religiosa local. Alguns fiéis frequentam esse espaço antes e/ou depois da missa, corroborando o papel da praça como local de convivência e ligação com a paróquia, que ali realiza eventos sazonais. Além disso, a igreja possui caixas de som na parte externa, transmitindo o som das celebrações para o seu exterior, de modo que o som é ouvido nessa parte mais próxima da praça, criando uma “conexão simbólica” entre os dois espaços. Essa influência pode moldar as interações sociais e a dinâmica de uso da praça, como evitar o consumo de bebidas alcoólicas com a missa como plano de fundo, bem como o hábito de fazer reverência ao chegar à praça passando em frente à igreja, especialmente em horários de missa.

A configuração espacial da praça também revela uma diferenciação hierárquica entre seus lados, com base na visibilidade. O “Lado 1”, mais aberto e com poucas barreiras visuais, denota maior importância e destaque, de acordo com a afirmação de Saboya (2011) de que “localizações com maior visibilidade

tendem a denotar maior hierarquia, destaque, importância, etc.”. Essa característica se evidencia pela presença de área livre para prática de atividades físicas e eventos, configurando-se como o ponto focal da praça; estrutura destinada a apresentações e eventos. A maior visibilidade do “Lado 1” facilita a interação social, pois as pessoas se veem e são vistas com mais facilidade, corroborando com a afirmação de Jacobs (2011) de que a visibilidade é um fator crucial na interação social.

Em contraste, o “Lado 2”, com sua estrutura de barreiras visuais, oferece maior privacidade e discrição, corroborando a ideia de que “áreas com baixa visibilidade tendem a ser menos importantes dentro do conjunto, ou ainda a serem percebidas como áreas com maior privacidade” (Saboya, 2011). Essa característica se evidencia pela localização próxima a bares e lojas de conveniência, o que facilita o consumo de bebidas e cigarros, atividades que geralmente são buscadas em ambientes menos expostos. Permite que as pessoas se reúnam, bebam e fumem sem serem tão observadas como no “Lado 1”, favorecendo o encontro informal, a conversa entre amigos e a realização de atividades em grupo.

Esse espaço foi projetado visando estimular a prática de exercícios, brincadeiras e demais movimentos. Seu principal elemento é um espaço vazio com uma pequena arquibancada ao lado direito e um palco do lado esquerdo (como pode ser visto na figura 3), pensado para as pessoas jogarem, brincarem, andarem de patins, patinete e além.

Figura 3 – Crianças brincando no lado 1



Fonte: O autor, 2022.

Os eventos que a prefeitura aloca na praça geralmente acontecem no “Lado 1”, uma vez que o “espaço vazio” comporta muitas pessoas e ao seu lado tem construído um pequeno palco (solução encontrada pelos projetistas para aproveitar o desnível no terreno construindo um palco em cima do banheiro público) que por vezes é utilizado para tais eventos.

O entorno construído (uso residencial e misto) desse lado também influencia diretamente nas suas dinâmicas. Encontra-se ali residências, lanchonetes, bistrôs etc., mas não bares. Estes elementos da configuração espacial do “Lado 1” criam uma atmosfera menos boemia e mais familiar e esportiva, com aqui, maior uso por parte das crianças, adolescentes, idosos e famílias.

A praça é frequentada durante o dia todo, porém por diferentes quantidades de pessoas a cada horário/período. Essa frequência abrange uma ampla variedade de pessoas em diferentes faixas etárias, que ocupam os vários espaços e estruturas existentes, os quais acomodam as diferentes atividades oferecidas ou possíveis. Ao entrevistarmos as pessoas no local, verificamos disparidade na quantidade de participantes por gêneros que aparenta ter relação direta com o perfil das pessoas (figura 4) presentes nos horários das entrevistas.

Os idosos entrevistados no horário da manhã eram todos homens, enquanto as idosas foram entrevistadas aos finais de tarde, condição que evidencia aspectos socioculturais historicamente arraigados. No período da manhã, as mulheres (idosas ou não), geralmente estão ocupadas com as responsabilidades domésticas, no preparo de comida ou outras tarefas, demandas não compartilhadas de forma igualitária entre os gêneros. Muitas mulheres idosas só se sentem à vontade para sair de casa quando concluem os afazeres domésticos, ao passo que isso não é comum entre os homens, conforme apontado por Falcão (2016, p. 246) ao afirmar que “durante séculos, os interesses sociais relegaram a atuação da mulher ao espaço doméstico e a do homem, ao espaço público. Trata-se de uma ordem política que se ampara na construção de papéis sociais masculino e feminino fundamentalmente distintos e que delimita, inclusive espacialmente, a atuação do homem e da mulher”.

Figura 4 – Perfil dos entrevistados por idade e gênero



Fonte: Elaborado pelo autor.

As pessoas entrevistadas residem em bairros relativamente próximos à Matriz (figura 5), indicando uma provável menor presença de moradores de bairros mais distantes da área central da cidade, o que sugere que esses residentes enfrentam maiores desafios de deslocamento para aquela área, mesmo diante de sua importância. Entre eles/elas a maioria reside nos bairros do Cajá, Redenção e no próprio bairro da Matriz,

que são bairros relativamente próximos. Nesse sentido, o resultado corrobora a argumentação de Jacobs (2011) quanto a curta distância entre a casa e um espaço público incentivar o uso frequente deste último.

Figura 5 – Localização de moradia dos entrevistados



Fonte: Elaborado pelo autor.

PERCEPÇÃO DA PRAÇA PELOS USUÁRIOS

Apesar dos desafios, que variam em magnitude dependendo das circunstâncias individuais, as pessoas frequentam a praça e estabelecem relações significativas com ela. Para entender o que a praça representa para essas pessoas, foi solicitado aos participantes que expressassem três palavras que definissem a Praça da Matriz para eles. O resultado de suas respostas está representado nas figuras 6 e 7 por meio de nuvens de palavras. As palavras mais citadas: “Bebidas”, “Comidas”, “Diversão” e “Lazer”, revelam forte interconexão, se complementando e evidenciando o que os jovens buscam na praça.

A presença frequente de "bebidas" e "comidas" sugere que ela praça é um local de encontro e socialização, mas, sobretudo, de consumo, onde as pessoas se reúnem para desfrutar de alimentos e bebidas de modo descontraído, o que reflete a cultura urbana do consumo, que transforma os espaços públicos. Isso implica que as áreas destinadas originalmente ao uso comunitário, como praças e parques, são cada vez mais utilizadas como espaços comerciais ou de entretenimento, onde as pessoas vão para consumir produtos ou serviços.

Por sua vez, as palavras "diversão" e "lazer" indicam que os jovens a veem como um lugar para se divertirem e se entreterem. A materialização das ações dos jovens é o que cria seu vínculo de pertencimento e apropriação com o ambiente, esse vínculo se dá a partir das práticas cotidianas, conforme Paula e Pires (2014), sendo assim, a praça ganha significados para os jovens a partir das experiências materializadas.

Enquanto os jovens escolheram majoritariamente palavras diretamente relacionadas ao uso prático que fazem, revelando um caráter bastante utilitário; os idosos escolheram palavras que se relacionam mais aos sentimentos vividos na praça e aos significados que ela possui para eles, assim como o que é importante na experiência deles no local. Esse aspecto levantado pelos idosos tem influência do fator idade, tendo em vista as memórias construídas ao longo dos anos na relação estabelecida com esse lugar, conforme se evidencia no decorrer das entrevistas.

Em paralelo com a abordagem de Gehl (2013), podemos observar uma distinção entre as atividades sociais ativas, predominantes entre os jovens, e as passivas, mais enfatizadas pelos idosos. Isso reflete uma ênfase diferenciada nos usos práticos da praça por um lado e nos significados e experiências emocionais associados a ela por outro.

Figura 6 – Palavras que representam a praça para os jovens



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 7 – Palavras que representam a praça para os idosos¹

¹ Durante a condução das entrevistas com os idosos observou-se dificuldade ao tentar definir a praça em apenas três palavras. Alguns indivíduos optaram por abordar outros assuntos, em vez de propor palavras específicas, resultando em uma nuvem de palavras menor. É importante ressaltar que essa é uma tarefa que demanda recursos cognitivos que, em geral, podem ser mais desafiadores para os idosos, pois não comum para eles.



Betânia (80 anos), comenta que: “[A praça] é muito importante para mim, porque eu comecei a frequentar aqui eu tinha 10 anos de idade”, isso aponta uma relação afetiva com a praça que foi sendo construída ao longo de toda uma vida. Jorge (62 anos) também reforça essa longa e forte relação afetiva com a praça, e ainda destaca que tem boas lembranças no local onde brincou por boa parte da sua infância. Assim, a praça testemunhou o desenrolar de suas vidas desde a infância até velhice. Os idosos tendem a ter relações profundas com os locais que acompanharam sua vida, que são preenchidos de memórias e experiências que a fazem ser quem são. Para eles, a praça é um local que desperta sentimentos de pertencimento e nostalgia, se conectando com o passado por meio das lembranças desses espaços. No entanto, essa conexão não se limita apenas à memória, mas também está relacionada ao presente, ao uso atual do espaço e aos laços afetivos com ele (Bosi, 1987).

Na praça, encontramos três amigos, Antônio (64 anos), Paulo (67 anos) e Osvaldo (62 anos), cujas falas indicam familiaridade com a praça; que dizem ser aconchegante e se sentirem bem. As relações constituídas entre esses amigos são muito fortes; eles se veem como família e vão para a praça para se encontrarem e se divertirem juntos, conversando, “bebendo uma cervejinha” e jogando dominó. Osvaldo fala que a praça é tão importante que, mesmo morando relativamente longe, fazem questão de ir quase todo dia, pois é o espaço seu lazer. Paulo resume dizendo: “Me sinto em casa”. Essa percepção corrobora Pedroso, Souza e Fernandes (2019), segundo os quais uma relação significativa entre os idosos e as praças é sustentada pela presença de uma identidade comum e um vínculo afetivo profundo.

Osvaldo (62 anos) chama a atenção para a questão dos horários: “a gente nessa idade não fica aqui até 02h ou 3h da madrugada como os jovens. Bate 22h, a gente vai embora, porque quando bate essas horas, o bicho pega aqui”. Sua fala revela uma dinâmica comum na praça, onde os jovens tendem a permanecer até bem mais tarde do que os idosos. Osvaldo aponta que, a partir de determinado horário, a experiência deles no local já não seria tão agradável. Paulo completa dizendo que “a idade não dá mais para esperar até 00:00h”.

Sobre a agradabilidade do local, Michele (24 anos) afirma que a praça “é [agradável], dependendo do horário”. Jonatas (25 anos) fala: “Para mim é agradável. Mas se torna desagradável a partir da noite quando tem festa, que eu acho que passa do normal, principalmente naquela área de lá [Lado 2]. Essa hora, da tarde pra noite, eu acho muito bom. Até umas 21h tá mais tranquilo. Passou de 22h, 23h... e quando tem festa, eu acho também [desagradável]”. Para ambos, a agradabilidade do local depende do horário e do lado da praça. Tereza (89 anos) diz que para ela a praça é muito agradável e que se torna desagradável quando tem “gritalhagem” e associa isso ao “Lado 2”.

As discrepâncias nos lados e nos horários agora torna-se evidente como essas diferenças afetam diretamente a percepção e o conforto dos usuários na praça, exercendo uma influência significativa sobre a maneira como ela é utilizada. Michele expressa sua opinião ao afirmar que no “Lado 2” à noite fica muito barulho, a pessoa não consegue conversar, tem muita fumaça, muita bebida no lado de lá, fica ruim”. Por outro lado, outros dois entrevistados têm uma perspectiva oposta, procurando a animação na praça e descrevendo o local como “agradável quando tá cheio, quando tá vazio parece um enterro” (Talita, 22 anos) ou “(...) vazio também é agradável, mas cheio é mais legal” (Felipe, 23 anos). Todas essas pessoas estão falando do mesmo lugar, basicamente no mesmo contexto, porém interpretando-o através de suas próprias visões de mundo.

Para compreender essa variação, a obra de Tuan (2012; 1974) esclarece que a visão de mundo de uma pessoa é a sua experiência conceitualizada, que é parcialmente pessoal e em grande parte social. Portanto, essas divergências são normais e refletem as diferentes maneiras pelas quais as pessoas aproveitam um lugar, o que valorizam e o que consideram ser positivo ou negativo. Embora os quatro entrevistados concordem sobre a importância da praça em suas vidas pessoais e expressem gostar dela, reconhecem que poderiam viver bem mesmo sem ela.

Em relação à segurança, a análise das respostas revela uma variação nas percepções dos entrevistados. Para Roberta (20 anos), Jenifer (18 anos) e André (21 anos), a praça é considerada segura durante o dia, pelo menos até cerca das 20h. Porém, a sensação de insegurança aumenta significativamente à noite, especialmente após as 22h. Eles destacam a presença de grupos que frequentam a praça com o intuito de causar problemas que contribui para essa sensação, corroborando a preocupação de Patrícia (21 anos) com a área conhecida como “Lado 2”, que, segundo ela, se torna “bem escura e perigosa” durante a noite.

O sentimento de insegurança, evidente nos relatos de alguns jovens, muitas vezes está ligado à ausência de policiamento adequado no local. Patrícia (21 anos), expressou: “[Me sinto] um pouco insegura. Inclusive, nesse tempo que tenho vindo, é a primeira vez que vejo policiais aqui”. Esse testemunho,

fornecido no final da tarde, reflete a preocupação central da participante, especialmente ao levar crianças para brincar na área. Ela também observou que no “final de semana aqui é um caos; ali [Lado 2] de noite é bem escuro e perigoso”, acrescentando: “Esse horário [por volta das 16h30min.] ainda está tranquilo. A praça deixa de ser segura a partir de 18h, 18h30min.”.

A menor visibilidade do “Lado 2” pode gerar preocupações quanto à segurança, como apontado por Saboya (2011) ao mencionar a “possibilidade de criação de áreas com baixa segurança, pela maior dificuldade de vigilância por parte dos demais usuários do espaço”. A frequência de consumo de bebidas alcoólicas e drogas são fatores que podem aumentar o risco de comportamentos inapropriados ou violentos. Além disso, a menor iluminação típica do período noturno pode contribuir para a sensação de insegurança.

Michele (24) e Jonatas (25), compartilham percepções que se aproximam às de Patrícia, pois eles também experimentam alguma sensação de insegurança na praça, embora não seja muito pronunciada, já que nunca vivenciaram situações que confirmassem plenamente o medo e a insegurança do local. Michele comenta: “Eu não sei se sou a pessoa apropriada pra falar sobre isso porque eu nunca tive a experiência de roubo, eu sempre tive muita sorte em relação a isso, então eu não posso dizer. Com certeza deve ter algum momento que se torna inseguro, mas eu não sei informar”; Jonatas expressa uma opinião semelhante, dizendo: “É, causa insegurança, mas no momento não me causa muuuita não”.

É fundamental destacar que muitas vezes há um discurso socialmente construído sobre insegurança que perpetua essa sensação nas pessoas, até aquelas que não vivenciaram tal situação. Em certos casos, esse sentimento está ligado a “pequenas” observações ao longo do tempo e/ou emoções negativas vivenciadas (não necessariamente conscientes ou racionalizadas). Damásio (2000) observa que sentir é diferente de saber que se tem um sentimento, é normal sentir algo sem compreender completamente o que se está sentindo ou o que provocou.

Por exemplo, Antônio (64 anos) considera a praça segura, mas acredita que falta uma presença mais efetiva da polícia ou da guarda municipal para proteger o patrimônio público do vandalismo. Osvaldo (62 anos) sugere a instalação de câmeras e enfatiza a necessidade de mais segurança na praça, propondo a presença permanente de guardas municipais no local e ressaltando a importância de aumentar a fiscalização.

As perspectivas dos entrevistados também revelam uma dicotomia marcante em relação ao policiamento na praça. Enquanto alguns, como André (21 anos), expressam claramente insatisfação em relação aos policiais, outros solicitam sua presença mais frequente. Existem relatos de uma dinâmica conflituosa, onde a chegada dos policiais é percebida como desencadeadora de tensões. Essa narrativa é

corroborada por Roberta (20 anos), que testemunhou policiais agindo de forma indiscriminada, chegando ao ponto de agredir pessoas que não estavam envolvidas em situações problemáticas.

Jenifer (18 anos), destaca sua preferência pela Guarda Municipal. Essa preferência parece basear-se na percepção de que a Guarda Municipal seria mais amigável e capaz de estabelecer uma relação respeitosa e pacífica com todos os frequentadores, incluindo usuários de drogas. A proposta de substituir os policiais pela Guarda Municipal reflete a percepção de que, embora a presença policial seja vista como necessária em alguns momentos pelas jovens, estas acreditam que ela pode agir de maneira opressora.

Durante a discussão sobre insegurança, Jorge (62 anos) comentou que há uma divergência no sentimento de segurança em relação aos lados da praça devido ao uso de drogas ilícitas: “na outra praça lá [lado 2] o foco de maconheiro, a droga lá é pesada”, e ele mencionou que, por se sentir inseguro e incomodado com isso, tende a ficar mais no “Lado 1” da praça. Elizabete (60 anos), sua companheira, concorda sobre esse aspecto.

Tadeu (68 anos) e José (63 anos) também abordaram o assunto no decorrer da entrevista. Tadeu afirmou que “a falta de respeito é muito grande. É onde rola droga aqui, a falta de respeito é de mais”. José acrescentou que “eu acho que isso [da droga] é geral, né, onde tem muita gente rola de tudo. Eu acho que o respeito pode se dar, cada um faça a sua, mas respeite o ambiente”.

Tereza (89 anos), que mora em frente à praça há muitos anos, associa o uso de drogas no local com a insegurança. Ela afirma que antigamente esse uso era mais visível, mas que a polícia atuou e tem resolvido essa questão. Segundo ela, se hoje em dia ainda há uso de drogas lá, é mais discreto. Conclui, assim, que se sente segura na praça e que nunca testemunhou casos de roubos por lá.

Theo (20 anos) descreve a praça com as seguintes palavras: “Bebida, drogas e gente feia”. Quando perguntado sobre como se sente no local, ele respondeu: “À tarde, bem, pela noite me sinto meio incomodado, mas eu aceito, mas tem gente que não vai aceitar”. Ele continua dizendo: “É o que eu vejo, tipo assim, é mais à noite, se você vier aqui de dia é tranquilo, é outro nível. Tarde aqui é uma coisa, se você chegar de noite é uma ‘narquia’”.

Diante dessas diferentes perspectivas apresentadas, fica claro a influência que o ambiente e as atividades realizadas nele exercem sobre a percepção individual. Essa diversidade de opiniões reflete não apenas a complexidade do fenômeno da segurança urbana, mas também a pluralidade de vivências e sensações que caracterizam a relação das pessoas com os espaços públicos.

DOS BENEFÍCIOS PSICOSSOCIAIS DA PRAÇA À SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL

Diversos estudos que analisam o comportamento humano em espaços abertos tendem para a ideia de que estar ao ar livre é um fator que contribui para o bem-estar físico e mental, impactando positivamente na saúde e na qualidade de vida, principalmente dos idosos, conforme Ribeiro e Elali (2016). Essa percepção se justifica pela variedade de estímulos e pelas oportunidades de socialização proporcionadas por esses ambientes. Diante disso, um dos fatores que surge é o reconhecimento do potencial dos espaços públicos como espaços restauradores.

Em relação a praça, Jenifer (18 anos) disse: “[sinto] paz porque é um canto que eu venho quando eu estou muito estressada, eu me sento ali e fico ‘de boas’ sozinha. Até causa uma certa tranquilidade quando tô aqui olhando pra praça”. Nesse caso o ambiente assume um caráter restaurador² que, segundo a literatura (Gomes Jr; Elali, 2022; Kaplan; Kaplan, 1989; Silveira; Felipe, 2019) é comum aos espaços públicos. O ambiente estaria contribuindo para restaurar o bem-estar emocional da jovem, pois ela costuma recorrer ao local quando está estressada, sentido que consegue recuperar sua tranquilidade ao se sentar sozinha e observar o ambiente ao redor. Vale ressaltar que a vegetação está presente na praça da Matriz, e o contato com ela é apontado como um dos principais elementos restauradores nos espaços públicos.

O contato com a natureza, combinado com a menor movimentação e agitação da praça durante o período diurno, pode ser responsáveis por esse efeito tranquilizador, além do afastamento do ambiente estressante em que estava inserida. Nesse sentido, José (63 anos), mencionou: “Me sinto menos estressado, a gente fica observando um pouco a natureza; mas tem poucas árvores, tem que ter mais”. Ele destaca o caráter tranquilizador da praça, associando-o diretamente à presença das árvores e alertando sobre a necessidade de aumentar as áreas verdes. Michele (24 anos) e Jonatas (25 anos) também expressaram a opinião de que mais áreas verdes deveria ser acrescentada na praça, sendo essa a mudança que fariam no local.

Ao descrever seu uso da praça, a entrevistada Betânia (80 anos) mencionou que caminha no local pelo menos quatro vezes por semana, acompanhada por sua filha. Durante essas ocasiões, ela se senta para descansar após o exercício, conversa e se sente bem. Isso ressalta a importância da praça para a manutenção da qualidade de vida, proporcionando momentos de lazer, descanso e atividades físicas para a população, o que tem um impacto direto no bem-estar das pessoas.

² Ambiente Restaurador é aquele capaz de promover o equilíbrio psicofisiológico das pessoas que o utilizam, permitindo, entre outros, a recuperação do estresse e o reestabelecimento da fadiga da atenção gerada por atividades repetidas e diárias, o que geralmente acontece a partir do contato com a natureza, ou, em situações específicas, com atividades esportivas ou culturais.

Assim como Betânia, Joaquim (78 anos), costuma caminhar na praça todas as semanas de manhã, o que o mantém fisicamente ativo. Ele se senta para descansar no local e aproveita para observar e contemplar a dinâmica da praça, sentindo-se bem com isso. Isso remete a perspectiva de Gehl (2013), que defende a caminhada como forma primeira de experienciar a cidade e a importância dos espaços públicos centrados nas pessoas, como praças concebidas para promover a interação social, o exercício físico e o bem-estar dos habitantes da cidade. Aposentado, Joaquim hoje tem mais tempo para praticar essa atividade e incorporá-la em sua rotina, mas ele ressalta o cuidado que precisa ter com suas pernas e pressão arterial durante a caminhada, mostrando a preocupação com a saúde como um fator que influencia fortemente a rotina das pessoas idosas no espaço público.

Tereza (89 anos), menciona que recebeu recomendação médica para caminhar, pois ficar sempre sentada não seria benéfico para sua saúde. Assim, ela costuma dar uma volta na praça andando e destaca que o espaço é adequado para essa atividade. No entanto, devido às suas condições de saúde, ela não pode fazê-lo sozinha e sempre precisar estar acompanhada de um familiar.

Betânia (80 anos) relata que evita ir à praça nos finais de semana devido à atmosfera festiva e à maior concentração de pessoas, o que a faz sentir-se insegura devido à Covid-19. Por conta da pandemia, o convívio social foi significativamente afetado, levando muitas pessoas, especialmente idosos, a permanecerem mais tempo em casa devido ao medo e à insegurança em espaço público, evidenciando uma forte preocupação com sua saúde.

Francisco (75 anos), afirmou: “Eu saí de casa caminhando, peguei a pista ali e vim parar aqui. Agora sentei aqui um pouquinho, mas não vivo na praça não. Fico sentado olhando o povo passar, os carros, essas coisas”. Essa atividade mais contemplativa se mostra muito comum entre os idosos; é interessante parar na praça e observar o que acontece ao redor. Sobre isso, Gehl (2013, p. 23) fala que “Experienciar a vida na cidade é também um entretenimento estimulante e divertido. As cenas mudam a cada minuto. Há muito a se ver: comportamentos, rostos, cores e sentimentos. E essas experiências estão relacionadas a um dos mais importantes temas da vida humana: as pessoas”. No entanto, Francisco diz que não costuma frequentar a praça regularmente.

Quando questionado sobre porque ele não gosta muito de ir à praça, Francisco argumenta: “Eu não sou muito chegado à praça não, praça é pra jovem, pra namorar. A gente que é idoso já não pode tá mais em praça, fazer o que em praça?”. Isso indica que ele não se sente à vontade para frequentar a praça, não se sente acolhido pelo ambiente, como se sua existência ali não fosse significativa. Inicialmente quando questionado se poderia dar entrevista, ele imediatamente respondeu: “Eu não sei ler, eu não sei de nada não”, acreditando que não seria capaz de participar da entrevista por esse motivo. Isso provavelmente

influencia a forma como ele se vê no espaço, revelando como esses fatores sociais têm o poder de moldar a forma como a pessoa se reconhece nesses lugares, sua autoimagem.

Em contrapartida, Tereza (89 anos), sente que a praça lhe traz uma sensação de juventude, afirmando que “eu me sinto bem, graças a Deus, porque eu sinto que não sou mais velha, tão velha assim que posso vim pra praça”. Dessa forma, estar na praça faz com que ela perceba que ainda pode conviver no espaço público, que pode se divertir e se distrair, que não precisa ficar apenas dentro de casa. Conforme argumentado por Dimenstein e Scocuglia (2015), ao escolherem as praças como espaços de convivência, os idosos buscam ser reconhecidos e acolhidos. Além disso, essa escolha pode ser uma estratégia para desviar a atenção de sua idade, rejeitando a imagem de uma velhice decadente.

Tereza e Francisco tem opiniões diferentes que são influenciadas por questões socioculturais e econômicas, incluindo nível de escolaridade (Tereza foi professora, Francisco é analfabeto), raça (Tereza é branca, Francisco negro) e local de residência (Tereza mora na Matriz e Francisco em um bairro mais afastado); bem como pela percepção de cada um sobre o que significa ser velho/idoso. A maneira como a velhice é percebida influencia como ela é vivenciada, assim como a própria percepção de quão amigáveis os espaços são para eles.

No contexto da socialização, nas palavras de Betânia, fica implícito que a solidão muitas vezes acompanha o envelhecimento. Ao ser questionada sobre com que frequência encontra pessoas conhecidas na praça, ela responde: “Não [costumo encontrar], porque meus conhecidos já morreu, já morreu quase tudo”. Enquanto isso, os jovens, em sua maioria, encontram conhecidos no local com alta frequência. Betânia ainda menciona que, mesmo que encontre algum conhecido enquanto caminha, não para para conversar, pois está focada em sua caminhada.

Em contrapartida, a realidade das praças nem sempre corresponde à utopia do espaço público democrático e inclusivo. A segregação socioespacial, um fenômeno urbano crescente, impacta negativamente os benefícios psicossociais das praças, tornando a experiência de cada grupo social diferente; logo as praças, que deveriam ser locais de encontro e convívio para todos. Tais segregações norteiam os usos que são feitos do espaço público pelos diferentes grupos sociais que a ela recorrem, dificultando o convívio e a troca de experiências entre eles, reforçando estereótipos e preconceitos.

Thiago observa que “tem lugares destaque aqui, onde a galera que é mais pobre se diverte, [e outros lugares] onde a galera que mais rica se diverte, tem uma certa divisão”. Além das evidências das diferenças socioeconômicas no espaço, há também diferentes territorialidades: “A praça tem muita divisão social: os baroneses, os Zé droguinha, as senhoras [ficam] um pouco mais ali, o pessoal da igreja e as crianças é mais

ali, a família. Chega aqui [lado 2] já é tudo mais...”, segundo Beatriz (25 anos). As discrepâncias se tornam visíveis na ocupação do espaço.

Eu enxergo muita gente de diversas faixas, que é uma coisa muito importante ter um espaço que todas as pessoas possam acessar, entre aspas. Porque é muito reduzido, tem muita gente que é mais pobre e não consegue acessar, porque embora a gente venha aqui nesse momento e não compre nada, tem muita gente que quer vim pra cá e não pode comprar uma água porque é mais caro (Carol, 23 anos).

A presença da iniciativa privada não se limita apenas aos terrenos ao redor da praça, mas também dentro dela. Os quiosques que dividem a praça em “Lado 1 e 2” são geridos por microempreendedores que comercializam bebidas e alimentos, com autorização da prefeitura. Além disso, diversos brinquedos, como escorregas e pula-pula, são colocados na praça, uma vez que não dispõe mais de um parquinho público. No entanto, esses recursos são acessíveis apenas para crianças cujos pais possam pagar pelo uso.

Tadeu (68 anos) expressa sua opinião: “Não era pra ter barraca aqui não, a praça é área de lazer, né de comércio não”. Ele continua afirmando que “Era pra ter o parquinho de crianças e tiraram. Esses negócio de jogo não era pra ter aqui na praça”, referindo-se aos brinquedos pagos. Ele argumenta contra a ocupação da praça por iniciativas privadas. Tereza (89 anos) compartilha suas reflexões sobre as mudanças desejadas na praça. Ela gostaria de ver mais brinquedos públicos para as crianças, já que muitos pais não têm condições de pagar para que seus filhos brinquem, e ela mesma viu muitas crianças chorando por não poderem usar esses brinquedos. Assim, destaca-se a importância de brinquedos públicos de livre acesso no espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As dinâmicas de uso e apropriação da Praça da Matriz refletem diferenças marcantes, influenciadas pelas relações sociais estabelecidas no local e pelas características do ambiente, que moldam os usos, a escolha de lugares que ocupam na praça e até os horários frequentados. Em linhas gerais, as dinâmicas de uso e apropriação da praça por tais grupos etários são diferentes, mas suas percepções sobre o espaço ora divergem, ora se aproximam.

Ambos os grupos etários compartilham a percepção da praça como um local carregado de significados, refletindo em suas memórias e interações com o ambiente. Desta forma, a praça desempenha um papel importante na vida das pessoas que a frequentam, possuindo uma carga afetiva, especialmente para os idosos. No entanto, há diferenças entre os dois grupos etários, pois os idosos ressaltam os sentimentos vividos no local e os significados a ele associados, frequentemente considerando-o um

ambiente contemplativo, propício a recordações. Enquanto isso, os jovens enfatizam a praça como um espaço de encontro, socialização e, principalmente, de consumo.

O lazer e o encontro social emergem como elementos fundamentais tanto para os jovens quanto para os idosos, consolidando a praça como um ponto de convergência intergeracional, apesar da pequena interação direta entre eles. Contudo, as atividades noturnas dos jovens contrastam com a preferência dos idosos por momentos diurnos e tranquilos. Essas diferenças não apenas ressaltam as preferências geracionais, mas também demonstram a flexibilidade e adaptabilidade da praça, capaz de abraçar múltiplos propósitos e atender às necessidades variadas de diferentes grupos etários. Também observou-se uma distinção significativa entre os dois lados da praça, cada um marcado por usos e apropriações que geram atmosferas divergentes. O ambiente físico e a configuração do espaço exercem grande influência na moldagem dos comportamentos das pessoas em cada lado. Essa divisão, perceptível nas falas dos frequentadores, indica preferências distintas em relação aos horários e às áreas específicas da praça. Os idosos só costumam frequentar o “Lado 2” durante o dia, à noite são os jovens que dominam esse ambiente, isso é reflexo de suas percepções e avaliações do ambiente referente à segurança e práticas cotidianas.

Para além disso, o estudo identificou o potencial da praça como ambiente restaurador tanto para jovens quanto para idosos. Os benefícios para a saúde se evidenciam ainda mais no público idoso, que utiliza a praça como meio para manter-se ativo fisicamente, o que também reverbera em seu bem-estar emocional. Ao mesmo tempo, a segregação socioespacial e a segurança aparecem como problemas a serem enfrentados no local. Numa perspectiva mais ampla, os resultados obtidos ressaltam: (i) ser importante que a gestão e a concepção de espaços públicos livres leve em consideração as dinâmicas socioespaciais; (ii) ser fundamental definir políticas e ações destinadas a melhorar a inclusão multi e intergeracional, de modo a garantir a satisfação das necessidades e expectativas de cada grupo de frequentadores. Explorar tais considerações em outros estudos poderia ajudar a investigar melhor a dinâmica da praça e as interações sociais, o que pode melhorar a compreensão dos espaços públicos e do seu papel na vida contemporânea.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio de bolsa de mestrado do primeiro autor, e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), pela bolsa de produtividade da segunda.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2009. (Original publicado em francês em 1977).
- BONDI, L. *et al.* Introduction: geography's 'emotional turn'. In: DAVIDSON, Joyce, BONDI, Liz; SMITH, Mick (Orgs.). **Emotional geographies**. Aldershot: Ashgate, 2005.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembrança dos velhos**. São Paulo: Edusp, 1987.
- BOVO, M. C.; ANDRADE, T. B. Produção do espaço histórico-cultural de Campo Mourão (PR) Brasil: um estudo de suas praças centrais. **Formação (Online)**, [S. l.], v. 1, n. 19, 2012. DOI: 10.33081/formacao.v1i19.919. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/919>. Acesso em: 14 mar. 2024.
- DAMÁSIO, A. R. **O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2000. Tradução de Laura Teixeira Motta.
- DIMENSTEIN, M.; SCOCUGLIA, J. B. C. O corpo idoso nas ruas e praças do centro de João Pessoa. Experiências urbanas no espaço público requalificado. **Arquitextos / Vitruvius**, ano 16, n. 184.05. São Paulo, 2015.
- ECKER, V. D. O conceito de praça para a qualidade da paisagem urbana. **Projetar**, Natal, v. 5, n. 1, p. 101-110, jan. 2020.
- FALCÃO, P. Mulheres e espaço público: invisibilidade social feminina e o direito ao voto no Brasil. **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 17, p. 245-260, 2019.
- GEHL, J. **Cidades para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- GOMES JÚNIOR, J. S.; ELALI, G. A. Ambientes restauradores na adolescência. In: Higuchi, M. I. G; Albuquerque, D. S. (Org.). **Cronologias na relação pessoa-ambiente**. Curitiba: CRV, 2022, p. 189-201.
- HIGUCHI, M. I. G.; ALBUQUERQUE, D. S. Intercronologias na relação com o ambiente. In: M. I. G. HIGUCHI; D. S. ALBUQUERQUE (Orgs.). **Cronologias na relação pessoa-ambiente**. Curitiba, PR: Editora CRV, 2022, pp. 395-400.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução de Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

KAPLAN, R.; KAPLAN, S. **The experience of nature: A psychological perspective**. New York, NY: Cambridge University, 1989.

LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 5a ed. São Paulo: Atlas, 2008.

PAULA, F. M. de A.; PIRES, L. M. Os jovens e a cidade: das práticas espaciais às redes de sociabilidade e a constituição de territorialidades. **Caderno Prudentino de Geografia**, [S. l.], n. 35, p. 87–106, 2014. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/2262>. Acesso em: 28 de fev. 2024.

PEDROSO, E. S. R.; SOUZA, I. C. A.; FERNANDES, N. F. S. A pessoa idosa e o espaço público: a relação do idoso com a praça. In: 6º CONGRESSO INTERNACIONAL DE ENVELHECIMENTO HUMANO. **Anais do Congresso Internacional De Envelhecimento Humano**. Campina Grande: UFCG, 2019. p. 1-8.

POL, E. La apropiación del espacio. In: IÑIGUEZ, L.; POL, E (Orgs.). **Cognición, representación y apropiación del espacio**. Barcelona, Publicacions Universitat de Barcelona, Monografies Psico/Socio/Ambientals, nº 9, 1996.

RIBEIRO, E. A. S.; Elali, G. A. O papel das praças para o envelhecimento ativo sob o ponto de vista dos especialistas. **Revista Pesquisas E Práticas Psicossociais**, 10(2), 382–396. 2016.

SABOYA, R. Sintaxe espacial: gráficos de visibilidade. **Urbanidades**, 2011. Disponível em: <https://urbanidades.arq.br/2011/04/09/sintaxe-espacial-graficos-de-visibilidade-2/>. Acesso em: 14, mar. 2024.

SERPA, A. **Por uma Geografia dos Espaços Vividos: Geografia e Fenomenologia**. São Paulo, Contexto, 2019.

SILVA, A. R. B. **Usos e significados: um estudo das experiências de jovens e idosos na praça da Matriz em Vitória de Santo Antão-PE**. Orientadora: Dra. Gleice Virginia Medeiros de Azambuja. 2023. 153f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

SILVA, M. Sobre emoções e lugares: contribuições da Geografia das Emoções para um debate interdisciplinar. **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 17, n. 50, p. 69-84, 2018.

SILVEIRA, B. B.; FELIPPE, M. L. Síntese e recomendações para Ambientes Restauradores. In: SILVEIRA, B.; FELIPPE, M. L. (Orgs.). **Ambientes Restauradores – Conceitos e Pesquisas em Contextos de Saúde**. Florianópolis: EdUFSC, 2019, pp. 114-116.

TUAN, Y. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina: EdUEL, 2013. (original publicado em inglês em 1977).

TUAN, Y. **Topofilia: percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: EdUEL, 2012 (original publicado em inglês em 1974).

VELLOSO, R. Apropriação, ou o urbano-experiência. **Arquitextos**, São Paulo, ano 16, n. 189.05, Vitruvius, fev. 2016. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/16.189/5949>. Acesso em 29/02/2024.

VIEGAS, C. L.; SILVA, E. A. R.; ELALI, G. A. Um Oásis Urbano: Dois Estudos das Interações Pessoa-Ambiente na Praça Kalina Maia, Natal/RN. **Psico (PUC/RS)**, v. 45, n. 3, pp. 305-315, jul.-set. 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/17297>. Acesso em dez/2022.